

A ÉTICA NA PESQUISA EM SAÚDE – A PERCEPÇÃO DE CORPO DA MENINA DE RUA

Candido J. Flauzino - PsicoEthos
Fabiana W. Jacopucci - PsicoEthos

Resumo

Este artigo é resultado de uma pesquisa sobre ética, que faz parte dos estudos do PEM¹ (Pesquisas e Estudos Merleau-Pontyanos), o qual, neste momento interroga: “*Como tem se revelado a ética em pesquisas orientadas pelas idéias de Maurice Merleau-Ponty?*”. A pergunta norteadora desta pesquisa é: “*Como se dá a ética na obra a partir da concepção de corpo?*”. Expomos neste uma trajetória metodológica que articula os fundamentos da fenomenologia, em especial, a Hermenêutica Filosófica Gadameriana, com a estrutura da pergunta e da resposta. Busca-se compreender como a ética é explicitada em uma dissertação de mestrado intitulada: “*O Significado do Corpo para a Menina de Rua*” (CASTRO, 1995), a qual considera, em seu trabalho, uma desapropriação do corpo, apresentado como algo dissociado da sua existência. A ética na dissertação apresentou-se a partir da compreensão do modo de ser da menina de rua, pois a concepção de corpo que elas apresentam é o conceito que elas tem de si mesmas, o que fundamenta a necessidade de apropriação da existência, enquanto corpo próprio, encarnado. Utilizamos como fundamento as idéias de BICUDO, CASTRO, CHAUI, CORTINA & MARTINEZ, HEIDEGGER, MERLEAU-PONTY e KLUTH.

Abstract

This article is a result of a research about ethics that comprehends the studies of PEM (Research and Studies by Merleau Ponty), which, in this moment, interrogate: “*How has the ethics revealed in researches oriented by Merleau Ponty’s ideas?*”. The guided question of this research is: “*How the ethics is given in the masterpiece by the body conception?*”. We’ve exposed a methodological trajectory articulated to the phenomenological basis, in particular, the Philosophical Hermeneutic from GADAMER, the structure of the question that guides us to the structure of the answer. We tried to understand how the ethics is explained in a master dissertation entitled: “*The meaning of the body to the street girl*” (CASTRO, 1995), who consider, in her work, a body dispossess, showed as a thing disassociate from their life existence. The ethics in this master dissertation is represented by the way the street girls show them, their body conception is showed in the same way they see them, which shows the need of a life existence appropriation as a incarnate body. In this study we used as basis the ideas from: BICUDO, CASTRO, CHAUI, CORTINA & MARTINEZ, HEIDEGGER, MERLEAU-PONTY e KLUTH.

¹ PEM – Pesquisas e Estudos Merleau-Pontyanos; grupo associado à SE&PQ e domiciliado no PsicoEthos.
Endereço eletrônico: www.sepq.org.br/PEM.

INTRODUÇÃO

“... a Ética é um tipo de saber normativo, isto é, que pretende orientar as ações dos seres humanos...”.
(CORTINA & MARTINEZ, 2001, pg. 09).

Apresenta-se neste trabalho uma pesquisa sobre ética, que faz parte de um projeto do PEM – Pesquisa e Estudos Merleau-Pontyanos. Os membros deste núcleo estudam as idéias de Maurice Merleau-Ponty com o propósito de traduzi-las em termos da Educação e da Saúde no âmbito da Pesquisa Qualitativa.

“A grande contribuição de Merleau-Ponty para as citadas áreas de pesquisa deve-se ao fato de que ele aprofunda o estudo fenomenológico da percepção humana em termos da nossa constituição de mundo, ou seja, em termos do corpo-próprio. Oportuniza-se, com isto, uma compreensão genuína do humano e conseqüentemente uma nova compreensão da construção do conhecimento humano”. (www.sepq.org.br/PEM).

Com o objetivo de pesquisar a ética em trabalhos científicos orientados pelas idéias do filósofo mentor do grupo nos possibilita compreender que a região de inquérito originou-se dos costumes e comportamentos nos âmbitos do subjetivo, intersubjetivo e do objetivo, que delineiam aspectos sócios, políticos, culturais e científicos, e o quanto estes têm contribuído para o avanço das pesquisas orientadas por estas idéias.

Neste artigo explanamos o modo de proceder desta pesquisa através dos fundamentos, procedimentos e análise compreensiva de uma dissertação, o que nos possibilitou o desvelamento do sentido de como tem se revelado a ética em pesquisas orientadas pelas idéias de Maurice Merleau-Ponty.

EXPLICITAÇÃO DA PERGUNTA NORTEADORA

A partir das discussões realizadas pelos membros do grupo PEM, surgiu a interrogação: *“Como tem se revelado a ética em pesquisas orientadas pelas idéias de Merleau-Ponty?”*. Entretanto, faz-se necessário compreender o sentido atribuído ao ato de pesquisar, entendido não como compreensão de um problema e sim como apreensão das possibilidades de desvelamento do fenômeno; em que perspectivas ele se manifesta e qual a sua dimensão.

“... pesquisar quer dizer ter uma interrogação e andar em torno dela, em todos os sentidos, sempre buscando suas múltiplas dimensões e andar outra vez e outra ainda, buscando mais sentido, mais dimensões, e outra vez mais... A interrogação mantém-se viva, pois a compreensão do que se interroga nunca se esgota”.
(MARTINS *apud* BICUDO, 2005, pg. 08).

Neste questionamento, no interrogar há uma aproximação e distanciamento do fenômeno a partir da pergunta norteadora, que neste trabalho ela foi elaborada da seguinte forma: *“Como se dá a ética na obra a partir da concepção de corpo?”*. CASTRO (1995), em sua dissertação de mestrado, norteou-se através da seguinte pergunta: *“Qual o significado de corpo para a menina de rua?”*.

Para tanto, é importante conceituar a ética, que para CORTINA & MARTINEZ (2001), ela é entendida não pelo senso comum, predominantemente relacionada aos direitos dos cidadãos. E sim, uma ética compreendida como filosofia moral, construída racionalmente a partir da

reflexão sobre valores, princípios; aumentando o conhecimento sobre nós mesmos, ou seja, o sentido para o que somos e o que fazemos.

“... a Ética, a Filosofia moral, terá conseguido explicar o fenômeno moral, dar conta racionalmente da dimensão moral humana, de modo que teremos aumentado o nosso conhecimento sobre nós mesmos, e portanto, alcançado um maior grau de liberdade...”. (CORTINA & MARTINEZ, 2001, pg. 09).

O termo moral é caracterizado neste trabalho como substantivo, pois se refere à ciência que trata do bem em geral e das ações humanas, propiciando a construção de doutrinas morais, na tentativa de sistematizar um conjunto concreto de princípios, normas, preceitos e valores. A moralidade presente no trabalho está sendo compreendida como: *“... sistema regulador da vida coletiva por meio de **mores**, isto é, dos costumes e dos valores de uma sociedade, numa época determinada”*. (CHAUÍ, 2005, pg. 347).

As funções da ética, segundo CORTINA & MARTINEZ (2001), são: esclarecer o que é moral (modo de ser), fundamentar a moralidade e aplicar nos diferentes âmbitos da vida social os resultados obtidos pelos dois itens anteriores; estabelecendo uma moral crítica, racionalmente fundamentada e libertadora por se apropriar do sentido de vida; o que possibilita um sujeito ético moral: *“... que sabe o que faz, conhece as causas e os fins de sua ação, o significado de suas intenções e de suas atitudes e a essência dos valores morais...”* (CHAUÍ, 2005, pg. 341).

PROCEDIMENTOS E SEUS FUNDAMENTOS

O método fenomenológico propõe um retorno à *“coisa mesma”* como um caminho que permite a compreensão da realidade em sua dinamicidade e a existência de um ser humano que é atribuidor de significados. Pelo referencial teórico adotado, a trama existencial deve ser estudada e compreendida na situação vivida sem, porém, buscar relacionar fatos em termos causais, mas sim desvelá-los.

Na pesquisa fenomenológica, o pesquisador está voltado ao fenômeno a ser investigado, de forma a não considerar os pressupostos prévios sobre o tema. Por meio dos relatos é possível cada participante expressar o significado do que é por ele vivido. Tal expressão consiste em relatar de forma natural e espontânea a situação experienciada. (MARTINS & BICUDO, 1994).

Entretanto, pesquisar a partir da análise de relatos não é a única forma de se pesquisar em fenomenologia, pode-se também realizar pesquisas utilizando-se de outros modos como análise de obras. Neste artigo apresentamos a análise de uma dissertação de mestrado.

No fazer deste trabalho, não lançaremos propriamente mão de relatos, mas nos apropriamos da Hermenêutica Filosófica, proposta por GADAMER, a qual, *“... realiza uma investigação fenomenológica que coloca em ‘epoché’ os fenômenos **compreensão e a maneira de interpretar** expressas historicamente...”*. (KLUTH, 2005, pg. 28). O modo de proceder deste método possibilita a compreensão e interpretação das obras humanas que se dá na estrutura da pergunta e da resposta, originando a autêntica conversação que tem em seu bojo o modo de ser das presenças.

Sendo assim, a conversação designa a mobilidade fundamental da presença, entendida por HEIDEGGER² como a abertura que possibilita a identidade e a diferença, pois o homem, ao conquistar, assume o seu ofício de ser; o qual perfaz sua finitude e historicidade. A partir daí

² HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1988.

abrange o todo de sua experiência de mundo. O estudo do fenômeno na Hermenêutica é justamente este reconhecimento da verdade que se dá a partir da experiência da presença.

“Como experimentador, ou melhor dizendo, experienciador, o homem toma consciência de sua finitude, ele encontra seu limite no poder fazer e na razão planificadora. A autêntica experiência é, assim, experiência da própria historicidade que para alcançar a autenticidade terá que refletir a estrutura geral da experiência, aquilo que tem a ver com a tradição. No entanto, a tradição não é um acontecer que se possa conhecer pela experiência direta, ela é linguagem e fala por si mesma”. (KLUTH, 2005, pg. 39).

Ao experienciar dá-se o perguntar que tem um sentido, uma direção, em que “... o interrogado ao ser perguntado é visto sob uma determinada perspectiva...”. (KLUTH, 2005, pg. 40). A dialética é justamente a estrutura da experiência, na qual a pergunta conduz a um diálogo autêntico, revelando a estrutura da pergunta e da resposta como compreensão ao encontro da verdade; esta entendida como o desvelar de sentido. E a filosofia hermenêutica gadameriana possibilita compreender a ética e moralidade como tradição, inserida na historicidade humana.

KLUTH (2005), nos coloca que a estrutura da pergunta e da resposta possibilita o diálogo autêntico, pois os interlocutores: pergunta e resposta não se ignoram na conversação (diálogo autêntico), eles revelam a estrutura da pergunta e da resposta como compreensão; já que a maneira de interrogar, segundo FINI (1994), é uma forma de buscar conteúdos ou características gerais do fenômeno, experiências.

Como dado histórico, utilizamos da fala de KLUTH *apud* GADAMER (2005), o qual nos coloca que a interpretação, a partir do século XVIII, não se limita somente a aspectos gramaticais, ela passa a abranger também os aspectos históricos e seus contextos. E, segundo as idéias de ESPOSITO *apud* SCHLEIERMACHER (1991), a tarefa hermenêutica é o de transcender a linguagem e aproximar-se do pensamento do autor, o que possibilita a vinculação de todas as individualidades, dando origem ao método. A compreensão só é possível a partir de um movimento circular, podendo, às vezes, até levar a uma melhor compreensão de um autor melhor que ele próprio ter-se-ia compreendido, chegando a compreender a intenção inconsciente daquele autor.

Foi na estrutura da pergunta e da resposta, que podemos analisar a ética na dissertação de CASTRO (1995), a qual considera que a menina de rua vivencia um estado de alienação, impessoalidade, esquecimento do seu potencial enquanto ser humano. Um corpo fragmentado, no qual as partes não se comunicam entre si. “... o corpo é aprendido como coisa entre outras coisas e não como presença vivida na autenticidade”. (CASTRO, 1995, pg. 120).

DESCRIÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A dissertação intitulada: “O Significado do Corpo para a Menina de Rua”, refere-se à experiência da autora como psicóloga do Projeto: “Menina Mulher”, assistindo às meninas de rua, no qual a demanda delas era a discussão sobre a sexualidade; havia uma dificuldade em falar sobre o próprio corpo, seja nas relações afetivas como nos cuidados à própria saúde.

“... menina de rua, designa a criança ou adolescente que passa a ocupar o espaço da rua como lugar de trabalho, moradia e lazer. Local onde buscam a satisfação das necessidades básicas...”. (CASTRO, 1995, pg. 15).

Na vivência cotidiana da psicóloga com as meninas de rua, surgiram angústias, questionamentos e a necessidade de compreender o mundo-vida-adolescente e o que é para elas o corpo. Nesta caminhada, a profissional volta-se para a sua experiência com a adolescência, seja no seu

adolescer, o de suas filhas, tendo em seu bojo inquietações, dúvidas como medo de olhar-se no espelho, entre outras. Surge então, a necessidade de compreender o mundo-vida-adolescente, enfatizando a corporiedade. Quais os sentimentos e significados do corpo para a menina de rua a partir da própria vivência?

CASTRO (1995), em sua dissertação, norteou-se através da pergunta: “*Qual o significado de corpo para a menina de rua?*”. A análise compreensiva dos discursos de seus sete sujeitos (meninas de rua), revelou a presença de sentimentos contraditórios como gostar e desgostar, vergonha, medo, aceitação e posse; resignação com o corpo, percepção do mesmo em alguns casos como incompleto e outros como completo; preocupação em preservá-lo, compreendendo-o como objeto para ser mostrado; percepção deste ser diferente dos demais; falta de conhecimento sobre ele; preocupação em cuidar dele; reconhecimento da capacidade reprodutora como importante e as dificuldades econômicas atuando como agentes limitadores da percepção integral corpórea.

A pesquisadora iniciou o seu trabalho em 1991, com 20 meninas de rua, no projeto citado anteriormente, com a discussão sobre a sexualidade. Utilizou como recurso didático “*Gertrudes*” (boneca com o corpo de mulher e as partes que o compõem), álbum seriado, brincadeiras, apresentação dos métodos contraceptivos e debates em grupo. Neste projeto ela realizou a sua pesquisa, dissertação de mestrado.

O primeiro passo de CASTRO (1995), foi criar a interrogação de seu estudo: “*O que significa para ela o corpo?*”. Ouviu sete meninas (relatos) a partir do disparador: “*Fale-me sobre o que significa, para você, seu corpo*”. Sua trajetória foi realizar a descrição (transcrição dos relatos); redução fenomenológica por categorias analíticas; interpretação fenomenológica a partir da análise ideográfica, análise nomotética dos relatos e síntese.

A pesquisadora salienta que com a análise:

“inicia-se uma comparação dos discursos e busca-se encontrar a evidência em todos as proposições (unidades de significado), a clareza alcançada pelo insight a partir da leitura das unidades de significado e das convergências encontradas. As divergências manifestam os aspectos estruturais ou peculiares ao discurso de cada adolescente”. (CASTRO, 1995, pg. 46).

Neste ir e vir da pesquisadora aos discursos das meninas de rua como um movimento dialético, não como algo fechado e acabado, mas uma dialética sem síntese, ela revelou um agrupamento das seguintes categorias:

1. Estado de Alienação do Corpo da Menina de Rua apresentado por:

- a) **Ambivalência de Sentimentos:** gostar e não gostar, querer e ir contra seu modo de ver e sentir pelo conflito entre o corpo idealizado e o corpo vivido. Tal situação pode ser entendida como certa dificuldade de apropriar-se do próprio corpo e da vida.
- b) **Conformismo:** observado como estado de alienação, não podendo questionar o corpo que tem, uma aceitação não pela consciência e sim pela resignação; propiciando a impessoalidade frente a corporalidade.
- c) **Relação Parcial com o Corpo:** este percebido como um amontoado de partes e não expressando o encontro com o outro. Esta fragmentação impede o apropriar-se de si.
- d) **Desconhecimento:** sentimento de distância e dificuldade de se aproximar do corpo, o que ocasiona a falta de conhecimento do ser-aí.

- e) **Vergonha:** o que mais aparece nos discursos, vergonha do que sou, dificuldade de entrar em contato com o próprio corpo.
- f) **O Corpo para o Outro:** objeto para ser olhado e avaliado pelo homem, o outro dá o significado do meu corpo.
- g) **O Corpo Incompleto:** sensação de falta, incompletude; como corpo inacabado.
- h) **Exclusão:** um saber que lhe é negado, sensação de não pertencença.
- i) **Ausência de Posse do Corpo:** *a consciência de possuir um corpo fica comprometida pelas condições de não poder vivenciá-lo na sua totalidade.* (CASTRO, 1995, p.115).

*“A história de vida vem impregnada de exclusão e resistência que apontam, talvez, a necessidade de fazer ‘poiesis’ em Psicologia: Psicologia: **ser-com** a menina de rua na autenticidade e centrar a atuação profissional no existir humano, na solicitude. Entendendo que isso implica em sair da solidão e participar com-o-outro na busca de transformação, possibilitando que a menina de rua saia do silêncio imposto pela exclusão social, ampliando seu espaço vida”. (CASTRO, 1995, pg. 123).*

2. *“Ser em Propriedade”*, construindo e habitando o mundo.

- a) **A Posse do Corpo:** reconhecimento do corpo como proximidade, familiaridade e abertura ao ser-aí-no-mundo.
- b) **O Corpo Completo:** integração do corpo - uma relação afetiva.
- c) **A Relação com o Corpo:** abertura de continuidade da vida a partir dele; corpo vivido e experienciado.
- d) **O Cuidado:** maneira de se responsabilizar à presença do próprio ser, tentativa de sair da impessoalidade.

“O corpo deixa de ser apenas massa física, passando a ser um nó de significações, a abertura, o projeto que se aponta para o vir-a-ser, o estar em impropriedade, mas podendo optar por viver em propriedade, construir e habitar o mundo...”. (CASTRO, 1995, pg. 124).

Para a pesquisadora, em sua pesquisa, o desvelar do fenômeno se deu no desconhecimento do corpo não como um impedimento intelectual, mas sim, algo que indica a ausência da referência do corpo do outro, como um fator de distanciamento de si. Ela salienta também que as relações interpessoais que estabelecemos ao longo de nossas vidas contribuem para a construção da imagem corporal e a maneira como nos relacionamos com ele.

ANÁLISE COMPREENSIVA DA DISSERTAÇÃO

O fenômeno da dissertação se revela pela desapropriação do corpo, o que não acontece por déficit intelectual e sim pela falta de referência do corpo integral, ocasionando um distanciamento de si. Pois as relações interpessoais estabelecidas na vida destas meninas dão origem à construção da imagem corporal e a maneira como se relacionam com este corpo.

“... a percepção do corpo pela menina de rua está comprometida por ser apreendido enquanto partes, desintegrado, como coisa entre outras coisas e não como presença, como próprio, o corpo encarnado, veículo de comunicação com o mundo”. (CASTRO, 1995, pg. 123).

De acordo com as considerações da pesquisadora, para estas meninas, o corpo aparece como algo obscurecido, com o qual a adolescente mantém uma relação parcial, distante, revelando

uma imagem corporal fragmentada. A concepção deste se mostra pelo estado de alienação do corpo e da possibilidade de apropriação do mesmo, ou seja, conforme os valores morais de cada uma delas influenciados pelo contexto bio-psico-social.

A impessoalidade tem imperado na concepção de existência destas meninas, desencadeando sentimentos de exclusão, não aceitação, resignação em que o outro é apreciador do corpo e não elas mesmas. Pois, “.... enquanto tenho um corpo, sob o olhar do outro posso ser reduzido a objeto e não contar mais para ele como pessoa, ou então, ao contrário, posso tornar-me seu senhor e por minha vez olhá-lo...”. (MERLEAU-PONTY, 1999, pg.230).

A relação estabelecida com o corpo é de objeto, seja o próprio ou o do outro, tanto escravizo como posso ser escravizado, na proporção em que me desaproprio de minha corporeidade, torno-o impessoal, um corpo entre tantos outros; podendo adotar uma postura de resignação e conformismo, lançando mão do significado deste para mim. “... recusavam-se a utilizar a primeira pessoa do singular ‘eu’ ‘o meu corpo’. As reações eram fragmentadas, confusas; desejavam discutir o tema, mas dissociando-o de si mesmas”. (CASTRO, 1995, pg. 21).

Esta situação de subjugação impossibilita o exercício da liberdade na medida em que me aprisiono pelo não reconhecimento de minha existência e da do outro. Tal atitude tem sido muito comum em sociedades tecnicistas, nas quais prevalece o ter em relação ao ser. O importante é o que eu posso me beneficiar da situação, não há um paralelo com o cuidar. Utilizo este corpo para sobreviver, seja através do prazer, da procriação, do trabalho, mas não tenho consciência de minha existência, de qualidade de vida.

Esta não reflexão sobre as potencialidades do corpo e da sua amplitude existencial é uma das manifestações da alienação. Com o auxílio do léxico, obtenho o significado de alienar, como tornar alheio, ceder, transferir; e o de alheio, como o que não é nosso, distraído, não informado. Instaure-se, então, um paradoxo: como posso me distanciar de mim mesmo? Não me reconhecer como próprio?

Ao atribuir os juízos de valores como gostar ou não gostar, bonito e feio, completo e incompleto, entre outros, presentes na fala dos sujeitos da dissertação; os mesmos reconheceram-se como existentes em algum momento, ou seja, como seres lançados num mundo já dado, provocando um sentimento de pertencença a ele, percebendo-se como partes integrantes deste.

Entretanto, o estranhamento também está presente quando os sujeitos referem-se à vergonha como forma de não saber o que dizer sobre o corpo, percepção deste como incompleto e diferente dos demais. “O que nos permite centrar nossa existência é também o que nos impede de centrá-la absolutamente, e o anonimato de nosso corpo é inseparavelmente liberdade e servidão (...) a ambiguidade do ser no mundo se traduz pela ambiguidade do corpo...”. (MERLEAU-PONTY, 1999, pg.126).

“É como se houvesse uma lacuna, entre ela e o corpo, o que restringe a possibilidade do vir-a-ser na sua inteireza e plenitude (...). O distanciamento do corpo não é apenas um momento de transição e adaptação ao novo corpo que surge. Há algo mais profundo aí; é uma relação onde surgem espaços vazios apontando para algo além da adolescência”. (CASTRO, 1995, pg. 108).

O corpo deixa de ser um amontoado de órgãos para expressar o modo-de-ser-no-mundo e as experiências do mundo-vida: “Considero meu corpo, que é meu ponto de vista sobre o mundo, como um dos objetos desse mundo”. (MERLEAU-PONTY, 1999, pg.108). Nós somos e temos um corpo, e me empunhar desta percepção permite que eu reconheça minha existência, assim como minhas possibilidades, mesmo que limitadas, como no caso das meninas de rua, muitas

vezes por questões sócio-econômicas, fatos reais, mas não excludentes do ser-aí; a possibilidade de escolha permanece. “*Só posso compreender a função do corpo vivo realizando-a eu mesmo e na medida em que sou um corpo que se levanta em direção ao mundo*”. (MERLEAU-PONTY, 1999, pg.114).

E a ética merleau-pontyana, que norteou toda a dissertação, reforça a apropriação da existência a partir da compreensão de que somos um corpo e que temos um corpo, mas não somente que tenhamos um corpo. Visto que: “*O corpo é veículo do ser no mundo, e Ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se ao meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles*”. (MERLEAU-PONTY, 1999, pg.122).

Para envolver e empenhar em projetos é necessário que a personalidade galgue a existência, ou seja, que o indivíduo sinta-se responsável pela sua existência, o que o possibilita realizar escolhas conscientes, de forma crítica e refletida. Algo possível somente a partir da apropriação de si, da personalidade. Esta é justamente a moralidade presente na obra: “*O Significado do Corpo para a Menina de Rua*” (CASTRO, 1995), a **necessidade de apropriação da existência**, “*... as situações de fato só podem afetar-me se primeiramente sou de tal natureza que existam para mim situações de fato*”. (MERLEAU-PONTY, 1999, pg.135).

A ética presente na dissertação atinge os objetivos propostos neste trabalho a partir da pergunta norteadora, na medida em que compreende o modo de ser da menina de rua. A concepção de corpo que elas apresentam é o conceito que elas tem de si mesmas, o que fundamenta a necessidade de apropriação da existência, enquanto corpo próprio, encarnado: “*Não contemplamos apenas as relações entre os segmentos de nosso corpo e as correlações entre o corpo visual e tátil: nós mesmos somos aquele que mantém em conjunto esses braços e essas pernas, aquele que ao mesmo tempo os vê e os toca*”. (MERLEAU-PONTY, 1999, pg.208).

Estabelece-se, assim, uma moral crítica, libertadora no sentido de ampliar as possibilidades de atuação junto às necessidades das meninas de rua a partir do significado de vida para elas, que quando obscurecido pode ser resgatado através da dignidade existencial. Pois os profissionais envolvidos com as mesmas terão condições de serem indivíduos éticos morais, estando junto a elas “*... na autenticidade e no cuidado, ao estabelecerem laços afetivos e serem referenciais saudáveis, abrir-se-á espaço de trocas significativas para que seu corpo seja reconhecido enquanto corpo, retomando seu caminho assim como um rio que se degela...*”. (CASTRO, 1995, p.124).

“A capacidade de compreensão ocorre a partir das possibilidades vividas por nós, das relações significativas que vão acontecendo no existir humano(...)”.
(CASTRO, 1995, pg. 121).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

BICUDO, M.A.V. *Fenomenologia, avanços e confrontos* – Revista Pesquisa Qualitativa em Educação. São Paulo: SE&PQ (1994).

BUENO, F. S. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação (1957).

CASTRO, Dagmar Silva Pinto de. *O significado do corpo para a menina de rua*. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 132 pp. (1995).

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática (1994).

CORTINA, A. & MARTINEZ, E. *Ética*. Trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola (2005).

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis – RJ: Vozes (1988).

KLUTH, V.S. *Estruturas da álgebra - Investigação fenomenológica sobre a construção do seu conhecimento*. Rio Claro: Doutorado - Instituto de geociências e ciências exatas. UNESP (2005).

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos A.R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes (1999).